

PERAMBULANDO
PELO *mundo*
MARIA HELENA BRUSAMOLIN

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2023

CAPITAIS IMPERIAIS

• 2001 •

Essa foi a minha primeira viagem turística, em 2001. Anteriormente, eu já havia viajado aos Estados Unidos em 1996, a estudo, onde cumpri um estágio de aperfeiçoamento da Língua Inglesa, por um mês. No ano seguinte, em 1997, realizei outro treinamento para professores de Língua Inglesa, dessa vez na Inglaterra. Mas como turista, meu vestibular foi mesmo no leste europeu.

Áustria, Hungria, Suíça, República Tcheca e Alemanha.

Os três primeiros países acima povoam nosso imaginário pelas paisagens incríveis dos filmes da Sissi e da Noviça Rebelde, pela neve, pelas fotografias que ilustravam os calendários, pelas vaquinhas com sino no pescoço e tantas outras maravilhas. A República Tcheca nos remete, principalmente, aos castelos ornamentados, às cervejas, ao Castelo de Praga e à famosa Ponte de Carlos, ladeada de estátuas. Quanto à Alemanha, é um belo país, repleto de fatos históricos que mudaram o mundo, nem todos eles muito agradáveis, mas que não devem ser esquecidos. Engraçado, nunca mais voltei lá, nem de passagem. Ainda vou descobrir por quê.

Nessa viagem conheci três pessoas que se tornaram grandes amigas. Até hoje nos correspondemos, nos visitamos quando possível, trocamos ideias sobre viagens, etc. Matilde, professora

Perambulando pelo mundo • 11

de Belo Horizonte; Damaris, uma goiana apaixonada por viagens; e Kátia, uma potiguar natural de uma das mais lindas cidades brasileiras: Natal. Compreendi que seríamos amigas para sempre num episódio que ocorreu comigo em Viena, no primeiro dia de viagem. Almoçamos num restaurante self-service e, quando fomos efetuar o pagamento, não percebi que minha carteira com documentos e algum dinheiro caiu ao chão. Saímos de lá e caminhamos em direção à Catedral de Santo Estêvão, uma das mais antigas em estilo gótico europeu, datada do século XII. Resolvi então comprar uma estampa de Santo Estêvão como lembrança e descobri que minha carteira não estava na mochila. Segurei a emoção para não entrar em pânico, e decidi voltar ao tal restaurante, correndo, para ver se a encontrava. Matilde e Kátia, que mal me conheciam, demonstraram uma bela atitude de companheirismo e voltaram comigo naquela corrida desabalada. Não estava lá, segundo me informou o gerente, então decidi correr para o hotel e cancelar meu cartão de crédito. E as duas seguiram firmes comigo naquela maratona. No final deu tudo certo, e acabamos rindo de nós mesmas. Depois conto o final desta história.

Viena respira música clássica. Paisagem comum é ver um bando de garotos e garotas, de uniforme escolar, com algum instrumento musical à mão. Você vai andando pela rua e ouve música clássica por onde passa. Eu me senti realizada, pois sou apaixonada por esse estilo. Assistimos a um belíssimo concerto de câmara, além de visitar o Teatro da Ópera e vários palácios que testemunharam a história da Áustria.

A capital da Hungria, Budapeste, é também uma cidade belíssima. Segundo alguns, mais bonita que Viena, e sou obrigada a

concordar. O Rio Danúbio a separa em duas: de um lado, Buda, e de outro, Peste. Eu nunca sabia em que lado estava, mas isso não vem ao caso. E por falar em Rio Danúbio, aquela valsa diz que ele é azul, mas eu posso garantir que é bem escuro! A Ponte das Correntes, com suas 2.000 lâmpadas, um espetáculo à noite, o Mirante dos Pescadores, o Parlamento, tudo grandioso. Era meu aniversário, 12 de julho, e comemoramos em grande estilo no Restaurante da Ópera (incluído no pacote, claro!)

Terminou Budapeste? Então vamos embora para Praga, capital da República Tcheca. Foi um custo desembaraçar nossos documentos na fronteira: guardas super armados querendo mostrar serviço, vasculhando nossos passaportes e conferindo as fotos à exaustão. E a guia havia nos orientado a não dar um pio, não esboçar qualquer sorriso. Em 2001 as coisas ainda eram complicadas por lá. Mas tudo isso foi compensado pela maravilha de Praga com seu Castelo, a Praça Wenceslau, o Bairro Judeu, a Igreja do Menino Jesus de Praga, o Relógio Astronômico, e ela, a famosa Ponte de Carlos, ladeada de estátuas de santos, que atravessa o Rio Moldava da Cidade Velha até a Cidade Pequena. Sua construção começou em 1357, a pedido do Rei Carlos IV, e foi finalizada no século XV.

Difícil demais conversar com aquele povo, gente! Ninguém falava Inglês e tínhamos que nos comunicar por mímica. Comprei um enfeite para casa em cristal, já que o cristal tcheco sempre foi muito famoso, e tomei cerveja na praça com minha grande companheira etílica Matilde. Assistimos também ao teatro Ópera Negra, tradicional em Praga.

Seguimos para a Alemanha e fizemos uma parada em Dresden, cidade que foi destruída em 80% durante a II Guerra

Mundial e totalmente reconstruída com base em fotos e pinturas. Tive uma pequena decepção ao chegar a Berlim e ver que o Portão de Brandemburgo estava sendo restaurado e todo coberto por tapumes. Esse era um dos pontos que sempre aguçaram minha curiosidade, principalmente por causa do Concerto para Brandemburgo, de Bach, um de meus favoritos. Paciência...

E vamos ver o tal muro que foi derrubado, o Parlamento de Hitler (arrepiante) e o Checkpoint Charlie, um posto militar entre as Alemanhas durante a Guerra Fria. Munique me surpreendeu pela beleza. Além das cervejarias, onde tomamos todas e mais algumas, visitamos também a Pinacoteca com obras de El Greco e Rubens. Leipzig me encantou pela história da música, pois foi onde viveram Bach e Wagner, além de Goethe, famoso escritor alemão. Depois viajamos pela Baviera até Schwangau, onde ficam os castelos mais lindos do país. Um deles, que visitamos, é o Castelo de Neuschwanstein, erguido pelo Rei Ludovico II, no século XIX, inspirado na obra de seu amigo e protegido, o compositor Richard Wagner. Serviu de inspiração ao Castelo da Cinderela, símbolo dos estúdios Disney. Pronto, agora chega de Alemanha. Vamos para a Suíça para ver se eles são mesmo pontuais.

Posso dizer que senti isso na pele. Comprei um relógio em Lucerna, uma cidade que parece saída de um conto de fadas. O relógio era lindo, mas a pulseira ficou larga. O atendente da loja mediu meu pulso e disse que eu poderia pegá-lo às 15 horas. Saí para dar umas voltas pelos arredores e, quando me lembrei, já eram 15 horas em ponto. Fui então para a loja e levei o maior *pito* do atendente por ter chegado uns minutos depois do horário marcado: *Eu não disse que ficaria pronto às 15 horas? A*

senhora está atrasada! Fiquei bem quieta, não retruquei, peguei o relógio e saí de fininho... Realmente a história da pontualidade suíça é bem parecida com a britânica... E para completar a viagem, vimos neve no Monte Titlis, onde subimos de teleférico os 3.020m de altitude e batemos o queixo numa temperatura de -1° C.

E quanto à carteira que perdi em Viena, viajante de primeira viagem não sabe que não precisa levar carteira de identidade, CPF, carteira de motorista, cartão de visita e outros bagulhos numa viagem internacional. Bastam o passaporte e o cartão de crédito. Mas isso a gente só aprende depois de apanhar da vida. Muito bem. Chegando ao Brasil, tive que tirar segunda via de tudo o que havia perdido. Deu um trabalhão danado, mas tudo bem. Um belo dia, estou eu no meu trabalho quando toca o telefone. Vou atender e é uma pessoa da Embaixada do Brasil em Viena. Resumo da ópera: minha carteira foi encontrada no lixo por um policial e entregue na embaixada. Os documentos estavam todos lá, e eles só me localizaram por conta do meu cartão de visita funcional onde constava o telefone da empresa. Dinheiro, nem pensar... Devo ter perdido cerca de 80 dólares. A funcionária da embaixada colocou a carteira no Correio e eu a recebi direitinho no meu endereço.

Vejam só como funcionam as coisas num país desenvolvido... Um dia a gente chega lá...

SEGREDOS DE MACHU PICCHU

• 2011 •

Impressionante como a simples alusão ao nome *Machu Picchu* já enche nosso imaginário de misticismo, magia e beleza. Qual viajante inveterado nunca pensou em visitar essa maravilha também chamada de “cidade perdida dos incas”? Fica num lugar alto pra xuxu, no topo de uma montanha a 2.400 metros de altitude, no vale do Rio Urubamba.

Machu Picchu, cujo nome significa “velha montanha”, foi construída no século XV pelo líder inca Pachacuti, mas só foi descoberta em 1911 pelo arqueólogo americano Hiram Bingham.

De lá pra cá virou um dos pontos turísticos mais visitados do mundo pela sua beleza natural e pela magia que proporciona.

Lá fomos nós, Ângela, Vado, Kolo e eu desbravar mais esse lugar incrível. Primeiro passamos por Lima, capital do Peru, onde comemos choclo (milho cozido), medalhão de alpaca e chicharón (frango em pedaços). Eles têm outro prato típico que é um bichinho parecido com porquinho da Índia, servido assado. O nome é cuy. Ninguém teve coragem de comer... Ficamos com dó do bichinho... Aliás, nem pedimos tal prato nos restaurantes. Parecia um acordo tácito entre amigos. Deixa o coitadinho pra lá.

Perambulando pelo mundo • 67

De Lima partimos para Cusco, uma cidade incrível, a 3.500 metros de altitude. Nessas alturas eu já sentia aquela sensação de quem tomou um porre! Tontura, um pouco de enjoo... E mastiga folha de coca, e toma chá de coca, fazia tudo que o povo mandava e nada... Continuava de porre sem beber uma gota sequer de pisco, a aguardente de uva deles, ou qualquer outro goró. Lá visitamos a maravilhosa catedral onde existe uma interessante Santa Ceia pintada por um artista cusquenho. No lugar do pão ele colocou o tal do cuy como alimento. Vinho e cuy. Então Jesus comeu cuy na Santa Ceia? Não foi pão? Cada um com sua cultura...

Voltei para o hotel e nada de passar a taquicardia. Chama o médico! Lá veio um peruano baixinho, simpático, que me acudiu. Dos meus amigos, só o Vado teve probleminha como eu. Enfim, tomei o que o doutor receitou e fiquei boa para a aventura do dia seguinte: Machu Picchu!

A viagem de Cusco até Águas Calientes é simplesmente incrível. Fomos de trem desfrutando de uma paisagem maravilhosa, saboreando a comida peruana e ouvindo histórias.

Machu Picchu é realmente um caso à parte. Uma cidade com incríveis terraços, escadarias, recintos cerimoniais e áreas urbanas, numa arquitetura inacreditável para o século em que foi construída. Isso sem contar a energia que emana do lugar, um misticismo que envolve e encanta as pessoas mais ligadas à espiritualidade. Muita gente diz que não sente nada, mas os mais sensíveis afirmam que sim... Ommmmmm.....

O ar rarefeito causa tontura, um pouco de dor de cabeça e falta de ar em algumas pessoas, pois não estamos acostumados a tais altitudes. Mas como eu já havia sarado do meu porre sem

bebida e estava carregando uma latinha de oxigênio que mais parecia aquelas embalagens de mata-mosquito, subi até o topo, pois minha quota de ar puro estava garantida. Essas latinhas são vendidas em farmácias e até supermercados. Acredito que o consumo deve ser bem alto! Quis trazer uma para mostrar para a galera, mas ficou presa no aeroporto em Cusco. Proibido sair do país...

Agora, uma coisa interessante no Peru são os enfeites dos telhados das casas no interior do país. São os chamados *Toritos de Pucará*, ornamentos místicos na forma de pequenos touros colocados nos telhados para proteção dos seus moradores. Esse costume é muito utilizado até os dias de hoje, em vários países andinos, mas no Peru, especialmente em Cusco, a tradição é mais forte.

Perambulando e aprendendo...



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Plantin MT Pro
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em março de 2023.
